

Espaços, tempos e trocas entre as moças das tranças na “praça nova” da cidade do Lubango, Angola

Eufrásia Nahako Songa^(*)

Resumo

O interesse pela análise das ações sociais das Moças das Tranças na “Praça Nova” nasce com o intuito de expandir a discussão sobre as (re)significações das tranças e outros penteados em Angola. É evidenciada a presença do gênero feminino e a relação deste na praça e com a praça, instituição fundamental no país que é lugar, não apenas de compra e venda, mas também de socialização e permanência.

Palavras-chave: Moças das Tranças. Praça. Relações Sociais.

Spaces, times and exchanges between girls' "new square" of the city of Lubango, Angola

Abstract

The interest in analyzing the social actions of the Braid Women at "Praça Nova" comes on light with the purpose of expanding the discussion about the (re)significations of braids and other hairstyles in Angola. It is evidenced the presence of the female gender and its relation in and with the praça, a fundamental institution in the country which is a place, not only for trade, but also for socialization and permanence.

Keywords: Braid Women. Praça. Social Relations

Angola, oficialmente República de Angola, é um país que se localiza na costa ocidental do continente africano. Este país pós-colonial (PINA CABRAL, 2004) está dividido em 18 províncias que, por sua vez, são compostas por 163 municípios.

O ex-mercado Bula Matadi, popularmente conhecido por praça do João de Almeida, funcionou durante muitos anos na cidade do Lubango, capital da província da Huíla. Huíla fica no sul do país e, de acordo com o censo realizado em 2014 pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) do país, a província tem cerca de 2.400.000 habitantes. Pela diversidade etnolinguística do país, predominam nessa província os grupos étnicos *Ovimbundu*, *Nyaneka Humbe* e *Nyaneka Mwila*, além de uma pequena parcela de *Ovanganguelas* e outros grupos.

^(*) Universidade Federal de Goiás (UFG). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da UFG.

A cidade do Lubango¹, denominada Sá da Bandeira pelos portugueses - nome que predominou até à conquista da independência em 1975 -, constituiu-se por quatro comunas, sendo elas a comuna de Lubango, Arimba, Hoque e Huíla. Foi elevada à categoria de cidade em 31 de maio de 1923. De acordo com o censo de 2014, acima referido, o município é o mais populoso da província. Tem, atualmente, uma população estimada em 731.575 habitantes, concentrando assim 31% da população total da província da Huíla.

Segundo André Ntyamba (2012), a origem colonial desta cidade está ligada ao povo da Ilha da Madeira – Portugal, “que, segundo reza a história” lá chegou para fundá-la. Em conformidade com Ntyamba, Pinto (2010, p. 136) afirma que “os primeiros sinais de povoamento europeu são dos *Boers*, por volta de 1880. Pouco depois, surgiram os Madeirenses que, em Janeiro de 1885, fundaram a colónia de Sá da Bandeira”.

Desde então, o trânsito entre pessoas de outras culturas se estabeleceu e intensificou com o advento da guerra civil que perdurou 27 anos no país. Povos de diferentes cidades, províncias e países se instalaram na área de Sá da Bandeira, atualmente Lubango, dando, assim, origem a uma composição que torna a povoação diversa culturalmente.

No presente momento a cidade do Lubango possui quatro grandes mercados, isto é, espaços oficiais para vendas de produtos. Entre eles o Mercado da Lage e o Mercado Municipal do Lubango - esses dois localizados no centro da cidade -, além do Mercado do Mutundo e o então Mercado Rio Nangombe, lembrando que existem vários outros mercados informais e de pequeno porte que oferecem menor diversidade de produtos.

O João de Almeida, até recentemente maior mercado informal da cidade do Lubango, foi transferido em julho de 2015 para a zona do Rio Nangombe, uma área periférica que dista, aproximadamente, 10 quilômetros da sede municipal do Lubango. A praça é oficial e institucionalmente chamada de Mercado Rio Nangombe, entretanto, vem sendo apelidada pelos usuários e moradores da região de “Praça Nova”. De acordo com a administração da praça, na pessoa de Nelito Manuel Chilume, a mudança de espaço visou melhorias na dignidade ambiental dos vendedores, no quesito segurança, circulação

¹ Neste trabalho adoto a escrita que mais se aproxima da linguagem angolana, uma vez que parto de certa experiência pessoal. Sendo assim, usarei expressões como “na Huíla” e não “em Huíla”, “no/do Lubango” e não “em/de Lubango” – o que estaria “correto” na forma de escrever o português brasileiro.

e transportes, além da conservação de produtos e “alargamento” da economia. A nova praça possui 5.072 bancadas.

Na primeira parte deste trabalho, que é um fragmento da dissertação do mestrado, a discussão pauta-se na busca pelo entendimento sobre o que é a praça em Angola, enquanto espaço de sociabilidade. Na segunda e última parte, aborda-se a significativa presença do gênero feminino em praças e, com ênfase às Moças das Tranças na “Praça Nova”, são trazidos dados, fruto de experiência antropológica, sobre a profissão de Moça das Tranças, suas identidades, suas relações com o lugar, a praça, e outros agentes no lugar.

No decorrer da discussão, algumas palavras que derivam de línguas nacionais angolanas serão explicadas no corpo do texto e outras em notas de rodapé. As palavras de significados desconhecidos encontradas no poema, contudo, são explicadas ao final deste artigo, no glossário.

Lugar de permanência

“Funda estava em festa. E tudo festejava: O capim, as mulembas, os embondeiros, as bananeiras. Por que sacudiam a sua folhagem, se nessa manhã não havia vento?”

Dos carreiros que desciam das encostas, pelas bandas dos muceques e de Cabiri, mulheres e crianças, mães e filhas, com cestos empilhados de mandiocas, de castanhas de caju e de mangas, vinham correndo para não perderem a oportunidade de venda e do “Sivaya, Sivaya”.

A praça que funcionava debaixo de um tamarindeiro, estava apinhada de gente que fazia passeio somente, de gente que namorava e queria namorar, de gente que apreciava a gente do mato como se essa gente não fosse a sua gente, de gente miúda que chorava, que mastigava, que falava baixo. E, ainda, de gente vestida de factos e de trapos, de saias e de panos, de sapatos e de pé calçado pela natureza, de chapéu, de capazete e de turbante.

E nessa praça, para se ouvir o que o interlocutor dizia, era preciso encostar o ouvido. Tal era o barulho que se fazia! Uns discutiam preços. Outros contavam, em voz alta, dinheiro, cacussos, mangas e outros produtos à venda. Alguns liam cartas, acabadas de chegar agora, para as outras pessoas. Outros contavam novidades da cidade e do “mato” e vice-versa.

Algumas famílias quando topavam com os seus, como que espantados, abraçavam-se e batiavam-se demoradamente nas costas, numa satisfação franca. Olhavam-se, ainda agarrados, e interrogavam-se: –Veio? – Vim. Voltavam a abraçar-se e estalavam risos abertos.

E na praça da Funda!

Aqui, viam-se estendidos, no chão nu ou sobre serapilheiras: Montinhos de tomate e de tomate de quimbundo, de batata doce, de mandioca, de quiabo, de

milho fresco, de couve repolho, alface, cebolas, abóboras, limões e feixes de cana-de-açúcar. Acolá, cestos com castanhas de caju, mangas, dendens, feijão verde e seco, jinjilu, cacussos, missolos, bagres e mais e mais coisas” (XITU apud LAGERSTROM, 2009, p. 54 - 55).

O texto acima, que é um poema em prosa, intitula-se *Mercado*. Ele é citado no livro *As Angolanas*, de autoria da jornalista sueca Birgitta Lagerstrom (2009, p. 54 - 55). Foi composto pelo escritor e poeta angolano Uanhenga Xitu – nome *Kimbundu*², usado como pseudônimo literário de Agostinho André Mendes de Carvalho (1924 - 2014). Durante os anos 1980, o texto foi “adaptado para o ensino do segundo nível das escolas angolanas” (LAGERSTROM, 2009, p. 54) - o equivalente ao primeiro grau (ou fundamental 1) de escolaridade aqui no Brasil – e é aqui usado para a ampliação dessa discussão.

O mercado, ou simplesmente praça, é, conforme diz o nome, um lugar ao ar livre (a céu aberto) de variados tipos e tamanhos, considerado público, adaptado para a venda e revenda de produtos de várias ordens. Com destaque aos “arranjos sociais”, a praça é aqui apresentada como lugar de trânsito de pessoas de diversos grupos étnicos e sociais, circulação de mercadorias, socialização e permanência.

Os mercados são também chamados de “Praças Públicas” (PINTO, 2012, p. 138), contudo, diferentes dos espaços públicos urbanos reservados para convivência e/ou recreação de pessoas, que chegam a ser associados à ideia de ajardinamento ou arborização como é feito no Brasil e em vários outros lugares. Não obstante também, o entendimento do significado ou sentido de “praça” varia de sociedade para sociedade, isto é, consoante a cultura de cada lugar.

A praça é, geralmente, subdividida em secções e nela existe uma ampla diversificação de produtos, atividades e grupos sociais e étnicos. Os comerciantes vendem roupas ocidentais/ocidentalizadas e africanas/africanizadas - os chamados vestuários “típicos”-, produtos alimentares perecíveis e não perecíveis, que é o forte das vendas nestes espaços, material de construção, animais vivos e abatidos, produtos de limpeza

² Língua nacional angolana. A segunda mais falada no país, depois da língua *Umbundu*.

doméstica e pessoal, eletrodomésticos, objetos tradicionais – *peneira*³, *balaio*⁴, *almofariz*⁵ -, artesanato etc.

Alguns profissionais oferecem no mercado serviços de alfaiataria, sapataria, de beleza, como é o caso das Moças das Tranças, e muito mais. Existem também barracas⁶ cujos vendedores servem comida feita, geralmente pratos locais como a *kizaca*⁷ e outras folhas comestíveis, além de bebida gelada ou natural a preços acessíveis. Quanto à diversidade populacional, o poema de Xitu em alguns trechos apresenta um pequeno exemplo quando diz:

A praça que funcionava debaixo de um tamarindeiro, estava apinhada de gente que fazia passeio somente, de gente que namorava e queria namorar, de gente que apreciava a gente do mato como se essa gente não fosse a sua gente, de gente miúda que chorava, que mastigava, que falava baixo (...) (XITU apud LAGERSTROM, 2009, p. 55).

Pessoas de diversos e diferentes grupos étnicos e regiões do país frequentam o lugar como vendedoras ou compradoras. A maneira de se vestir destes e o uso das línguas nacionais no espaço “contrastam com a hegemonia do uso do português e com um vestir-se muito mais semelhante à moda ocidental” (PEREIRA, 2015, p. 104). A liberdade das pessoas é evidenciada por meio do consumo de bens culturais, como músicas de produção local, das línguas nacionais, roupas “típicas” e muito mais.

O poema apresentado, com a marca linguística - angolana - do autor, apresenta uma descrição e interpretação sobre o que é, como é e o que se faz nesse lugar. Por meio dele é possível entender o lugar e como se dão as relações sociais nele e com ele. Tal como no poema, na praça os diversos agentes se dedicam a prática do comércio e de várias outras atividades: namorar, observar outras pessoas, ostentar figurinos, dialogar, marcar encontros etc. (XITU apud LAGERSTROM, 2006, p. 55).

³ Utensílio composto por um aro de madeira ou de arame, de variada dimensão, revestido de uma tela de seda, crina, arame ou outro material, que serve para deixar passar as substâncias reduzidas a pequenos fragmentos e principalmente a farinha ou “fuba” de milho.

⁴ Cesto grande feito de palha, usado antigamente para armazenar ou carregar mantimentos como milho na espiga, ração para o gado etc. Costumava-se colocar dois *balaio*s presos, de forma a balancear o peso, no lombo de muares e, dessa forma, tinha-se uma ótima forma de transporte de cargas.

⁵ Vaso de madeira ou de pedra, em que se trituram alimentos ou medicamentos; o mesmo que pilão.

⁶ Armação de madeira (ou chapas) coberta de lona onde os comerciantes expõem seus negócios. Pode ser fixa e desmontável.

⁷ Folha de mandioca.

O “falar alto” a que Xitu se refere no poema supracitado baseava-se/basea-se na permuta de produtos e valores, nas discussões de preços, na compra e venda de Dólar Americano – moeda mais usada no país, depois do Kwanza, que é a moeda nacional - e muito mais. Afinal, falar de mercado em Angola é falar de um lugar específico para trocas. “Fala-se alto” até na troca de dólares por Kwanzas e vice-versa. Lembrando que o trabalho de troca de dinheiro, hoje efetuada por jovens do sexo masculino, era até muito recentemente uma “atividade quase exclusivamente feminina”, (PEREIRA, 2015, p. 199).

Questionar por que a praça funciona desta maneira é o mesmo que perguntar “por que a aldeia Krahô é redonda?”. Por conseguinte, assim como a aldeia, a praça “se baseia na continuidade temporal dos costumes de cada sociedade: uma grande quantidade de elementos culturais de que dispõem os membros de uma sociedade são herdados dos antepassados” (MELATTI, p. 1). É neste lugar onde alguns hábitos e práticas da sociedade angolana se perpetuam. Ou nas palavras de Tamaso (2012, p. 232), “tempo e espaço se conjuram no lugar”.

Visto como um dos principais pontos de aglomeração, é na praça “onde normalmente as pessoas, algumas por opção, recorrem para a prática de comércio, manifesta uma relação positiva no comportamento dos diversos agentes, na relação destes com o mercado” (PINTO, 2010, p. 158 - 159).

Além da dimensão mercantil, a praça é tida neste trabalho como um campo que emana a ideia de “zona de contato” (CERTEAU, 1994). A zona de contato é entendida por Mary Pratt (1999, p. 12) como “uma forma de ajuntamento que assume a presença social e historicamente estruturada de grupos dentro de um espaço”. Uma zona que serve igualmente para a circulação de informações e opiniões.

Praças são também lugares carregados de significados e memórias, onde os sujeitos que lá circulam têm a possibilidade de construir afetos e sentimentos de pertencimento. Por meio do poema de Uanhenga Xitu, que elucida a realidade das praças angolanas em particular, e africanas de forma geral, é possível pensar as narrativas e fazer certa “leitura experiencial” (CERTAU, 1994) da vivência dos nativos.

A praça, concebida como um “topos literário” (TAMASO, 2012), assim como as relações sociais que nele se desenrolam, inspirou e/ou inspira Uanhenga Xitu e vários poetas, músicos e outros artistas. Os carreiros, cestos empilhados de produtos alimentares,

as diversas formas de relações sociais no lugar, os produtos sobre as serapilheiras, enfim, são características materializadas na expressão artística de Xitu - ainda que evidenciadas a partir da subjetividade deste - como que indispensáveis para a identificação da praça.

De certo modo, a representação da praça no poema de Xitu não somente é significativa enquanto um escrito que contribui para a construção simbólica do lugar na literatura nacional angolana, mas enquanto uma produção que constrói “uma inevitável multiplicidade nos sentidos pelos quais o lugar (leia-se a praça) pode ser compreendido e entendido” (MALPAS, 1999 apud TAMASO, 2012, p. 232). Trata-se de “um poema que, estimulando todos os sentidos, constrói o sentido do lugar” (TAMASO, 2012, p. 232).

As moças das tranças da/na “praça nova”

Angola, como de praxe, apresenta “camadas da população que, pela sua vulnerabilidade social, recorrem aos mercados informais por imperativos existenciais” (cf. *Revista Economia e Mercado*, 2009 apud PINTO, 2012, p. 160). Por meio das zungueiras⁸ e outras vendedoras ou vendedores que desempenham suas atividades comerciais nas ruas, em constante locomoção – conhecidos como vendedores(a) ambulantes no Brasil – ou à porta de casa, é notável a utilização de mercados informais por uma grande parcela da população.

Tal como em Angola, em Moçambique “a produção do Estado em suas margens por meio dos poderes paradoxais da (i)legibilidade é também a produção de suas próprias margens, defendidas e diferidas no corpo dos nativos e, ainda mais especificamente, no corpo das nativas” (PINHO, 2015).

Por essas e várias outras razões, o gênero feminino é o que mais se destaca no espaço em análise, na praça, que pertence ao setor informal: “é neles que se exerce a principal atividade econômica das mulheres, garantidoras da subsistência de suas famílias” (PEREIRA, 2015, p. 196), principalmente de cidadinas.

⁸ Mulheres que percorrem as ruas com uma bacia na cabeça carregada de diversos produtos para serem vendidos a outras pessoas que se encontram nas ruas. Às vezes, essas mulheres vendem os mesmos produtos passando de casa em casa e de quintal em quintal, anunciando por meio de um pregão os bens que carregam. Refira-se que, não raras vezes, essas mulheres são importunadas por fiscais ou agentes policiais que as desapropriam dos seus haveres, por entenderem que são atentatórias do código de postura urbana e não só, uma dura realidade por elas enfrentada com dignidade e coragem. A palavra *zungueira* é uma variação do termo “nzunga”, da língua *kimbundu*, e resultado da forma verbal *Kuzunga*, que significa circular ou rodear.

“A ECP (Estratégia de Combate à Pobreza) de 2005 (p. 24), levado [*sic.*] a cabo pelo Ministério do Planejamento, sustenta, e bem, que nas zonas urbanas se constata que as famílias chefiadas por mulheres estão menos marcadas pela pobreza, dada a sua presença significativa nos mercados informais. (...) Já nas zonas rurais, a pobreza extrema é mais prevalente nas famílias chefiadas por mulheres, dado o menor grau de instrução e poder econômico, tal como se confirmou quando das entrevistas levadas a cabo nos mercados informais do *Chioko* e do *João de Almeida*.” (PINTO, 2012, p. 138).

As mulheres de baixa renda são as que mais contribuem para a satisfação das necessidades vitais de suas famílias, dada a sua presença significativa em praças, tanto como vendedoras quanto como clientes.

“Os mercados são, sobretudo, um lugar de mulheres, tanto as que vendem quanto as que compram, especialmente no caso daquelas voltadas para as necessidades domésticas. (...) Crianças e adolescentes de ambos os sexos ajudam suas mães. A presença de homens entre os clientes é minoritária (...)” (PEREIRA, 2015, p. 199).

A autonomia na compra e venda de produtos, de certo modo, emancipa a mulher. No caso das Moças das Tranças, que vendem seus dotes artísticos relacionados ao cabelo, a prática de trançar, aprendida no quintal de uma casa – ou em lugares relacionados - é transferida para o espaço profissional que, no presente caso, é a praça. Com presença assídua e trabalhando por conta própria, essas mulheres dedicam-se a trançar cabelos, dia após dia e, desta feita, conquistam espaço no ramo da atividade que praticam.

Uma das Moças das Tranças, Nguevinha, afirma e demonstra que “trançar é dom”. Ela, que apresenta habilidade ao manejar o cabelo natural, dividir extensão de cabelo ou cortar linha para aplicação, entende que para trançar não precisa contar, basta calcular. “Trançar é assim: você imagina uma coisa e tem de conseguir meter na cabeça da cliente. Tem que saber riscar e conhecer os tipos de cabelo”, explica.

Assim como as Moças das Tranças,

“há muitas mulheres que negociam permanentemente nos mercados, porém várias outras vendem no intuito de conseguir algum dinheiro em momentos de “aperto” familiar, de ajudar outras mulheres ou mesmo de substituir parentes próximas, irmãs, sobrinhas e filhas em casos de viagem ou doença.” (...) (PEREIRA, 2015, p. 200).

Outras, por sua vez, circulam esses espaços por falta de opção, isto é, por ocuparem um lugar consideravelmente mais restrito que o gênero masculino no setor formal: “seu papel público ainda se mostra bastante limitado, no sentido de uma presença menor no mercado de trabalho formal e de transitarem bem menos entre os diversos meios sociais” (PEREIRA, 2015, p. 210 - 211).

A maioria das cabeleireiras aprendeu a trançar na pré-adolescência, entre os 11 e 14 anos, na cabeça da irmã, da mãe, de amigas, vizinhas, bonecas ou em sua própria cabeça. Elas optaram por essa profissão/ofício, algumas por gosto, outras por não terem tido “escolha na vida” e outras porque foram direcionadas pela mãe ou irmã a seguirem o ramo.

A cabeça que contém a *kindumba*⁹, categoria usada para se referir ao cabelo natural/crespo, é vista pelas Moças das Tranças, não apenas como um “*locus* corporal privilegiado para empreendimentos estéticos” (CRUZ, 2015), mas como objeto de geração de renda ou oportunidade econômica. Essas mulheres despendem tempo e muita resistência corporal para a elaboração dos variados tipos de tranças e/ou penteados. Em geral, passam o dia em pé, embora demonstrem pouca preocupação com isso ao afirmar que já estão acostumadas.

A praça funciona de terça a sexta-feira, entretanto, quando necessário elas trabalham às segundas-feiras, isto é no caso de alguma cliente só puder fazer tranças nesse dia. Terça e quarta são os dias com menos clientes, ao menos que seja feriado na cidade ou época de pagamento de funcionários públicos, uma vez que a maioria das clientes trabalha na função pública. Sexta e sábado são os dias com mais clientes. O horário de entrada e saída varia consoante o dia e a marcação de trabalho. Sábado, porém, é dia de entrar mais cedo: 7 ou 8h.

A maioria das Moças das Tranças afirma que é preferível trançar de manhã, pois “acaba mais cedo”. Pela manhã elas têm mais produtividade. À tarde nem sempre têm a mesma disposição que no período matutino, uma vez que nem sempre têm a principal refeição do dia, o almoço, ou a mesma força de vontade. Bob, por exemplo, elas preferem fazer de manhã.

Os bob's, simples de serem feitos, surgiram em Angola em homenagem ao grande ídolo da música jamaicana Bob Marley. Esses podem ser feitos em crianças e adultas ou adultos, no cabelo natural da pessoa ou com o auxílio de cabelo sintético, conhecido na região onde o estudo foi desenvolvido, e no país de geral, como “postição”. Há muito que

⁹ *Kindumba* é um termo em *Kimbundu*, a segunda língua nacional angolana mais falada no país. Atualmente é muito usado pelo grupo *Angolanas Naturais e Amigos (ANA)*, principalmente por uma de suas integrantes, Chiquinha – pseudônimo para Francisca Nzenze Meireles -. Esta angolana, com interesse pelo cabelo natural crespo, criou um trabalho de histórias em quadrinhos intitulado *A Kindumba da ANA*. O nome ANA brinca com as iniciais de Angolanas Naturais e Amigos.

é um dos estilos de trança mais usado e procurado nos salões de belezas localizados pela cidade e em mercados.



Figura 1 – Criança de bob's, feitos com cabelo sintético, o chamado “postiço”. Fonte: AngolanStyle¹⁰

As clientes ou são abordadas tão logo se aproximam da entrada dos salões ou são abordadas pela praça. Afinal, quando não há cliente, algumas Moças das Tranças optam por perambular pela praça na esperança de que uma vendedora, de roupa, sapato ou comida, ou ainda uma cliente não vendedora requisite seu trabalho. Elas entendem que quando as tranças são bem feitas, há demanda. Afinal de contas, as clientes se comunicam.

Algumas vezes reclamam da falta de cliente e dizem que o ideal é ajudarem-se uma à outra. A regra é: quando uma já se encontrar a trançar, deve deixar a cliente que chegou para quem não estiver a trançar. Quando em diálogo com outras vendedoras no mercado, outras mulheres afirmam que o trabalho das Moças das Tranças é o melhor, uma vez que as mulheres não gostam de ficar feias e, para isso, devem renovar as tranças e outros penteados.

As Moças das Tranças afirmam e demonstram em suas atitudes/ações/práticas diárias não terem a praça como apenas um espaço de venda de seus serviços, mas como

¹⁰ Disponível em: <http://angolanstyle.blogspot.com.br/>. Acesso em: 19 jun. 2015.

um lugar de pertencimento, ou seja, permanência e socialização. Afinal, conforme sustenta Amaral (2005, p. 58), citado por Pinto (2010, p. 158) “o sector informal envolve um leque muito vasto de actividades que se identificam não apenas com o comércio, mas com todo um conjunto de actividades”.

Nesse sítio, elas passam maior parte de seu tempo e, portanto, fazem suas refeições – com destaques ao matabicho (café da manhã, no Brasil) e ao almoço -, cuidam de seus bebês, aconselham uma a outra, “olham” os pertences uma da outra em caso de ausência, fazem tranças em si mesmas etc. As conversas variam entre cotação do dólar americano, problemas familiares, questões sociais e políticas, viagens, práticas culturais e muito mais. Dialogam também sobre as taxas de fiscalização que devem ser pagas mensal e anualmente para a administração da praça.

Entre as Moças das Tranças, dependendo do salão, não existem laços de parentesco, entretanto, tratam-se por “mana”. Mana, longe das interpretações que o calão ou a gíria oferece, é o mesmo que irmã mais velha. Segundo Chilepa, uma das Moças das Tranças, isso acontece “pelo respeito” e pelo tempo de convivência. Conheceram-se na praça do João de Almeida e algumas chegam a morar no mesmo bairro; são vizinhas. Lembrando que as Moças das Tranças da “Praça Nova” conhecem as Moças das Tranças da praça do Mutundo, e vice-versa.

Existem dois salões de beleza na “Praça Nova” - ao contrário da praça do Mutundo, que dispõe de 31 salões -, que funcionam na mesma secção que as barbearias. Conforme as Moças das Tranças afirmam, evoluíram da sombra da mulemba, árvore local, para o “teto”. Na antiga praça do João de Almeida é onde estas trançavam debaixo da árvore, passando a seguir a trançar debaixo da sombra de chapas, espaço confeccionado para tal, e, por último, debaixo do “teto”, que são os atuais salões - alguns apetrechados e outros, nem por isso.

As Moças das Tranças conferem uma nova dinâmica aos salões de beleza e à percepção de espaço na região. Afinal, seu trabalho atende a intersecção prática entre cultura e processo produtivo, pelo que cria dinamicidade naquele espaço social, na praça. É neste lugar onde as relações são estabelecidas entre estas e outros/outras vendedores/vendedoras e com as/os clientes. A relação das Moça das Tranças- e de outras vendedoras – com a praça reproduz, em parte, o sistema social existente.

Considerações finais

Conforme dito na introdução, a escolha da “Praça Nova” como lugar-alvo dessa discussão deveu-se ao objetivo de dialogar com o trabalho de campo do mestrado da autora para, assim, observar “arranjos sociais” no espaço em que as mulheres cabeleireiras, sujeitos da pesquisa, estão propensas para suprirem as necessidades e o sustento do dia a dia.

As relações observadas na praça, ao longo da discussão, traduzem a dinâmica desse “fenômeno social total” (PEREIRA, 2015), que além das trocas materiais e econômicas, contribui para trocas sociais entre os/as frequentadores(a). Ou melhor, entre as mulheres, que vendem ou compram para suprir os imperativos/encargos da família.

A “Praça Nova” se assemelha a outros mercados angolanos e, como local de trocas de mercadorias, informações etc., é também local de encontro e confronto de tempos e espaços. Objetos e práticas considerados “tradicionais”, como a maneira de falar, vestir, alimentar-se, incluindo a própria técnica de trançado e os estilos de tranças, ali se observam, muitas vezes, lado a lado.

As Moças das Tranças da “Praça Nova” compreendem que o seu lugar de trabalho, ainda que considerado também profissional, possui ligeiras diferenças com os salões de beleza formais encontrados nos centros da cidade. Lembrando também que podem existir diferenças entre as tranças feitas nos mercados e aquelas feitas nos “salões da cidades”. No entanto, é de praxe que exista certo reconhecimento tanto do lugar como de seus trabalhos no país.

Referências

ANGOLA. *Instituto Nacional de Estatísticas: resultados preliminares do recenseamento geral da população e da habitação de Angola 2014*. Disponível em: http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Preliminares%20%20Censo%202014_FINAL.13.10.14.pdf. Acesso em: 05 março de 2016.

CERTEAU, Michel de. *Práticas de Espaço*. In: *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUZ, Costa. Seguindo as tramas da beleza: cabelos na centralidade estético-corporal de Maputo. *Cadernos Pagu* [online]. 2015, n.45, pp. 135-156. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000200135&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 fev. 2016.

LAGERSTROM, Brigitta. *As angolanas*. Suécia: Stockholm, 2006.

MELATTI, Julio Cesar. *Por que a aldeia é redonda?*. Disponível em: <http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-redonda.pdf>. Acesso em 03 jan. 2016

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. *Os Bakongo de Angola: etnicidade, religião e parentesco num bairro de Luanda*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2015.

PINA CABRAL, de João. Cisma e continuidade em Moçambique. In: CARVALHO, Clara e PINA CABRAL, João de (Orgs.). *A persistência da História: passado e contemporaneidade em África*. Lisboa, Portugal: Imprensa de Ciências Sociais. / ICS, 2004.

PINHO, Osmundo. O Destino das Mulheres e de sua Carne: regulação de gênero e o Estado em Moçambique. *Cadernos Pagu* [online]. 2015, n.45, pp. 157-179. Disponível em: <http://ref.scielo.org/j6sj3w>. Aceso em: 03 fev. 2016.

PINTO, Faustino Afonso José. *Pobreza e desenvolvimento humano: o caso Lubango (Angola) a partir de Amartya K. Sen*. Portugal: Universidade de Minho, 2010 – Dissertação (Mestrado em Economia Social).

PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. *Travessia*, n. 38, p. 7-29, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/14665/13434>. Acesso em 30 jan. 2016.

TAMASO, Izabela, 2012. Etnografando os sentidos do lugar. In: TAMASO; LIMA FILHO, (Org.). *Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos*. Goiânia / Brasília: Ed. UFG / ABA.

GLOSSÁRIO¹¹

B

¹¹ (Pequena) nota explicativa de alguns vocábulos encontrados no poema *Mercado*.

BAGRES: espécie de peixe. Pode ser da água doce ou marinha, dependendo da região no país.

C

CABIRI: em kimbundu, *Kabiri*. Provém da palavra *kubirika*, que significa estropiar – alusão ao pouco tamanho.

CACUSSOS: (família de) peixe muito usado para preparar pratos típicos. No Brasil, tilápia.

CAPAZETE: capacete.

CARREIROS: reza a lenda de que "no período colonial e após a independência (...), eram os trabalhadores "livres", que, junto aos feitores, antigos escravos alforriados, desempenhavam funções remuneradas de trabalho árduo e pesado, como nas lavouras, principalmente no desmatamento a fim de abrir espaço para plantio de café."

E

EMBONDEIRO: também conhecido como baobá, é uma espécie de árvore grande, comum em regiões tropicais, de tronco espesso e folhagem seca. "Típica da savana, é associada à ancestralidade e um dos símbolos da África" (PEREIRA, 2015, 197).

F

FACTOS: suponho que pelo contexto a autora quis dizer fato ou terno - na linguagem brasileira.

J

JINJILU: jiló.

M

MIÚDA: menina, moça, garota ou ainda "rapariga".

MUCEQUES, atualmente MUSSEQUES: periferias de Luanda - capital de Angola.

MULEMBA: árvore, espécie de grande figueira, angolana. Contém raízes medicinais.

S

SERAPILHEIRAS: tecido grosso, de origem vegetal, formado por folhas, galhos e flores.

T

TOMATE DE QUIMBUNDO: tomate cereja.

Texto recebido em 03/09/2017. Texto aprovado em: 25/05/2017.